


UMA LEITURA PSICANALÍTICA DOS OUVIDORES DE VOZES E DA ESCUTA ÉTICA**A PSYCHOANALYTIC READING OF VOICE HEARERS AND ETHICAL LISTENING** <https://doi.org/10.63330/aurumpub.024-033>**Daniela Emilena Santiago**

Doutora em História pela Unesp, docente na Graduação em Psicologia da Unip

E-mail: daniela.oliveria1@docente.unip.brLATTES: <http://lattes.cnpq.br/9241835690164323>**Elines Souza Leme**

Graduanda em Psicologia da Unip, campus Assis, no 8º. Semestre

E-mail: elinesleme@gmail.com**RESUMO**

Este artigo propõe uma análise da experiência de ouvir vozes a partir da perspectiva psicanalítica. Tal abordagem, diferenciando-se da abordagem psiquiátrica tradicional e que tende a classificar tais fenômenos como alucinações associadas à psicose pois considera as vozes como manifestações significantes do inconsciente. Por meio de referências teóricas de Freud e Lacan, discute-se o lugar da alucinação auditiva na economia psíquica, explorando o conceito de forclusão e a relação entre o sujeito e o outro. Discute-se também o estigma social e religioso que cerca os ouvidores de vozes, frequentemente tomados como "possuídos", "endemoniados" ou "loucos", o que reforça a exclusão subjetiva desses sujeitos. O artigo visa contribuir para uma escuta clínica mais implicada e ética, valorizando o sentido subjetivo das vozes e sua inserção na cadeia simbólica do sujeito. Metodologicamente o mesmo foi elaborado por meio da leitura de artigos e livros que abordam o tema e sua construção foi assentada nos saberes expostos em tais fontes.

Palavras-chave: Ouvir Vozes; Psicanálise; Inconsciente; Alucinação.**ABSTRACT**

This article proposes an analysis of the experience of hearing voices from a psychoanalytic perspective. This approach differs from the traditional psychiatric approach, which tends to classify such phenomena as hallucinations associated with psychosis, as it considers the voices as significant manifestations of the unconscious. Through theoretical references from Freud and Lacan, the place of auditory hallucination in the psychic economy is discussed, exploring the concept of foreclosure and the relationship between the subject and the other. The social and religious stigma surrounding voice hearers, often considered "possessed," "demonic," or "mad," is also discussed, reinforcing the subjective exclusion of these individuals. The article aims to contribute to a more involved and ethical clinical listening, valuing the subjective meaning of the voices and their insertion in the symbolic chain of the subject. Methodologically, it was developed through the reading of articles and books that address the topic, and its construction was based on the knowledge presented in these sources.

Keywords: Hearing Voices; Psychoanalysis; Unconscious; Hallucination.



1 INTRODUÇÃO

Alucinação, Belchior
Eu não estou interessado em nenhuma teoria
Em nenhuma fantasia, nem no algo mais
Nem em tinta pro meu rosto, ou oba-oba, ou melodia
Para acompanhar bocejos, sonhos matinais
Eu não estou interessado em nenhuma teoria
Nem nessas coisas do Oriente, romances astrais
A minha alucinação é suportar o dia a dia
E meu delírio é a experiência com coisas reais¹ [...]

A canção de Belchior dá luz para a alucinação, como uma experiência cotidiana de suportar a realidade, assim como o delírio, fenômeno esse que pode ser compreendido como sintomas de alguma psicopatia. A experiência de ouvir vozes sem a presença de um estímulo auditivo externo tem sido tradicionalmente compreendida como um sintoma de psicose, particularmente na psiquiatria clássica. Tal compreensão, muitas vezes, conduz à medicalização e à tentativa de silenciamento dessas manifestações. No entanto, a escuta psicanalítica propõe outro percurso: interrogar o sentido das vozes como produções do inconsciente e sintomas de um sujeito atravessado pela linguagem. Ao invés de suprimir a voz, a psicanálise propõe escutá-la.

É importante reconhecer que os ouvidores de vozes são alvo de diversos preconceitos sociais, muitos dos quais atravessados por interpretações religiosas que classificam tais experiências como sinais de possessão demoníacas ou como manifestações do mal. Tais crenças, ainda comuns em algumas comunidades, podem reforçar a exclusão, a culpabilização e o sofrimento psíquico desses sujeitos. Além disso, o estigma associado à loucura contribui para o isolamento e o silenciamento de experiências subjetivas que merecem escuta.

No que diz respeito a importância ou relevância social do tema é necessário asseverar que diferente do que pode ser imaginado 2,0% a 4,0% da população mundial podem ouvir vozes, conforme dados da Rede Internacional de Ouvidores de Vozes², ou seja, é algo que afeta uma parcela significativa da população e ainda que não identifiquemos dados específicos sobre o Brasil, é possível inferir que aqui também temos um número elevado de casos. Por conseguinte, trata-se de um tema de suma importância social contemporaneamente.

Por outro lado, há que se considerar ainda a relevância acadêmica do tema. E, nesse sentido, a título de representação há que se considerar que foi realizada pesquisa junto ao site Scielo, em indicador por assunto, usando o termo: “Ouvidores de Vozes”. Essa pesquisa demonstrou que esse site, extremamente

¹ Disponível em <https://www.lettras.mus.br/belchior/153384/>. Acesso em 23 de dez de 2025.

² Disponível em <https://jornal.usp.br/universidade/grupo-da-usp-oferece-pratica-terapeutica-que-auxilia-pessoas-que-ouvem-vozes/>. Acesso em 23 de dez de 2025.

representativo da produção acadêmica nacional e internacional apresentou apenas 15 (quinze) textos sobre o tema. Neles há menções sobre grupos de ouvintes de vozes, sobre a influência do gênero em tal “sintoma” e sobre práticas em saúde mental. No entanto, ainda que guardem extrema relevância e importância para esse saber, nenhum deles se tratava de estudo teórico assentado, essencialmente, no substrato teórico psicanalítico. Outrossim, o presente artigo apresenta tanto relevância social, quanto acadêmica. E, por assim dizer, é necessário salientar também que o tema possui importância pessoal visto que emergiu, junto aos autores, devido ao fato de ambos cursarem Psicologia, na Unip de Assis-SP e em decorrência disso, se aproximarem ao tema posto e discutido nas disciplinas do curso. A identificação dos autores com a Psicanálise situou o tema e orientou a produção do texto.

Este artigo pretende assim, abordar o fenômeno de ouvir vozes a partir da teoria psicanalítica, especialmente pelos aportes de Sigmund Freud e Jacques Lacan. Partindo do entendimento da alucinação como um retorno do reprimido e, posteriormente, como um efeito da forclusão de um significante fundamental, busca-se compreender o lugar das vozes na economia do sujeito. O objetivo é oferecer uma leitura que contribua para a clínica com sujeitos que ouvem vozes, propondo uma escuta que não anule o sujeito, mas que o convoque a construir um saber sobre seu sintoma. Para fazê-lo há uma consideração inicial do pensamento de Freud, seguido por Lacan em relação ao ato de ouvir vozes. Caminhando nesse sentido ainda há menção à interpretação conferida pelo viés religioso, e, espiritual o qual ainda se faz presente na sociedade contemporânea.

2 METODOLOGIA

A construção do texto se deu por meio da realização de estudo teórico, de natureza, bibliográfica, conforme afirmado. Esse tipo de estudo se caracteriza por ser “[...]desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” (Gil, 2008, p. 50) e, nesse sentido, é importante destacar que a revisão inicial de literatura foi toda estruturada em torno da leitura de textos de Freud e de Lacan sobre ouvintes de vozes. Também foram realizadas leituras de artigos disponíveis na internet sobre os ouvintes de vozes a fim de complementar as informações estruturadas no presente texto. Ou como indicam Lakatos; Marconi (2003, p. 106) “A pesquisa teórica procura explicar um problema a partir de referenciais teóricos já existentes.”

Usando a definição de Gil (2008) é possível inferir ainda que estudos dessa natureza são vitais quando pensamos a produção de um texto em que será realizada a apresentação de autores específicos, uma vez que nesse tipo de estudo há uma consolidação de saberes específicos e bem delimitados. Essa produção colabora assim para que outros leitores, interessados no tema, possam encontrar resumos e sínteses de forma consolidada sobre o mesmo, proporcionando assim maior familiaridade com o problema de pesquisa estudado.



Adotando ainda as definições de Gil (2008) é possível concluir que esse estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica descritiva e, segundo a qual há necessidade de descrever as características de um objeto de estudo. Nesse tipo de estudo há uma sistematização de conceitos com menções possíveis a vários tipos ou posições teóricas por meio da organização de informações já produzidas. No caso do texto posto serão apresentadas posições adotadas por Freud e Lacan, consolidando assim a menção ao viés psicanalítico adotado pelos autores.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 FREUD E O ESTATUTO DA ALUCINAÇÃO

Freud não usou o termo vozes para designar pessoas que as ouvem, tal como proposto no presente texto. Antes, Freud usava o termo “alucinação”. Na teoria freudiana, a alucinação aparece inicialmente como um mecanismo de satisfação psíquica diante da falta de um objeto real. Em "Projeto para uma Psicologia Científica" (1895) e posteriormente em "Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico" (1911), Freud entende que o aparelho psíquico tenta reproduzir, por meio da alucinação, uma experiência de satisfação anterior. Trata-se de uma tentativa de retorno à experiência original, que não pode ser plenamente simbolizada. “A alucinação consiste no reaparecimento de uma percepção que esteve ligada à satisfação da necessidade.” (Freud, 1895/1996, p. 595).

Por conseguinte, em Freud, a alucinação não é apresentada como um sintoma de um caso clínico específico mas como uma forma de organização do aparelho psíquico. Nesse formato de regulação o indivíduo apresenta um modo de funcionamento específico do aparelho psíquico pois a alucinação contempla uma satisfação, constantemente buscada. Ainda que não fosse objetivo do trabalho de Freud (1895) sumariar possíveis características ou sintomas apresentados na alucinação, sua obra traça algumas referências importantes que nos auxiliam no entendimento da alucinação.

Dentre as características apresentadas temos a vivência perceptiva sem a presença do objeto externo pois em Freud (1895) a alucinação é percebida como uma percepção real. Nesse sentido, ainda que o objeto externo não ofereça o estímulo para a pessoa, não esteja presente, exerce influência na constituição da alucinação devido a essa busca constante pela satisfação perdida. A incapacidade do sujeito em distinguir a imagem alucinatória da percepção real se consolida, sendo reinvestida psiquicamente. Isso porque o desejo reativa ou recarrega, promove investimento de energia psíquica em direção a uma experiência de satisfação original. Isso faz menção ao conceito de reinvestimento da imagem mnêmica.

Dessa forma, em Freud (1895) a alucinação expressa um desejo inconsciente, constantemente buscado visando a satisfação, visando a atenção de uma determinada necessidade. Há assim a predominância do processo primário em que temos total ausência do teste de realidade e o funcionamento psíquico é totalmente governando pelo princípio do prazer. Nele há uma descarga imediata da excitação e



o eu não se consolida de maneira que seja possível diferenciar o interno e o externo.

A suspensão ou a falha no teste de realidade se manifesta, em Freud (1895) nos sonhos, na infância precoce e também na psicose. A psicose é lida como uma fase de retorno constante aos modos iniciais de satisfação, uma regressão a formas primitivas de funcionamento psíquico. Na psicose, esse mecanismo adquire um papel central. Em textos como "Neurose e psicose" (1924), Freud propõe que, na psicose, o sujeito rompe com a realidade e tenta reconstruí-la por meio do delírio e da alucinação. A realidade psíquica se impõe como real, e a voz alucinatória torna-se uma forma de retorno do recalcado em seu estado bruto. As vozes, portanto, falam do que o sujeito não pode dizer.

Na neurose o conflito principal se dá entre Eu e Id, porém, na psicose o conflito está consolidado entre o Eu e o mundo externo. Na psicose, o Eu não consegue tolerar as exigências postas pela realidade e busca o rompimento com ela. Os investimentos libidinais ao mundo externo são deles retirados, mas o Eu sempre tenta reconstruir a realidade, momento em que surge então o delírio e a alucinação. Freud (1924) compreende, ainda na psicose, que o delírio e também a alucinação são tentativas de cura. São esforços reiterados do aparelho psíquico visando a consolidação de uma nova relação com a realidade após a ruptura com a realidade. Já na neurose a realidade não é negada, mas, evitada, distorcida através do recalque.

O delírio confere ao sujeito uma nova explicação para o mundo, para sua experiência. A alucinação, por outro lado, busca restituir a realidade perdida. O delírio e a alucinação expressam o retorno, de maneira deformada, daquilo que foi rejeitado pelo Eu em sua relação com a realidade, porém, o delírio apresenta uma formação substitutiva de modo mais organizada ao passo que a alucinação se mostra como algo imediato.

3.2 LACAN E A FORACLUSÃO DO NOME-DO-PAI

Jacques Lacan reformula a compreensão freudiana da psicose ao introduzir o conceito de forclusão. Em "O Seminário, Livro 3: As psicoses" (1955-1956), ele afirma que, diferentemente da neurose, na psicose não há recalque, mas exclusão do significante Nome-do-Pai do simbólico. Tal exclusão impossibilita a estruturação da função paterna, o que leva ao retorno do significante foracluído no real, manifestando-se como alucinação. "O que é foracluído do simbólico reaparece no real." (Lacan, 1955–1956/1988, p. 95). Esse é, para Lacan, um elemento vital para a psicose "É na medida em que o Nome-do-Pai é foracluído, isto é, não é admitido no lugar do Outro, que se produz a psicose." (op. cit., 1956/1988, p. 98).

As vozes, nesse contexto, são efeito da intrusão do real na experiência subjetiva. Elas provêm do Outro e invadem o sujeito com um gozo que não pode ser mediado pela linguagem. Para Lacan, a alucinação é uma tentativa de dar conta do real que não se inscreveu simbolicamente. Escutar essas vozes é, portanto, escutar o que ficou fora da linguagem e retorna como excesso. "Quando o significante



primordial não é integrado ao simbólico, surgem os fenômenos elementares, como as alucinações verbais.” (Lacan, 1955–1956/1988, p. 44).

As alucinações verbais em Lacan (1955-1956/1988) são compreendidas como elemento basal da psicose e estão atreladas as estruturas de linguagem bem como com a relação que o sujeito estabelece com o Outro simbólico. As vozes descritas por ele como alucinações verbais se efetivam porque aquilo que não foi simbolizado retorna no real. As vozes não são compreendidas como pensamentos próprios do sujeito mas sim como mensagens vindas do exterior, do externo e que são constantemente fortalecidas e carregadas de imperatividade ou então de sentido enigmático. As vozes falam, comentam, dão ordens, agridem e colocam o sujeito como uma espécie de objeto da linguagem. Assim, para o sujeito, ele não age por si, ele apenas executa o que é imposto. O sujeito não fala, antes, é sobre ele que se fala. Por fim, Lacan (1955-1956/1988) ressalta que as alucinações verbais não são fenômenos aleatórios ou puramente patológicos, mas possuem estrutura e sentido, podendo organizar-se em torno de um delírio que funciona como tentativa de estabilização subjetiva frente ao colapso da ordem simbólica.

3.3 PRECONCEITOS E INTERDIÇÕES RELIGIOSAS SOBRE A ESCUTA DAS VOZES E A ESCUTA PSICANALÍTICA

Em muitas culturas e contextos religiosos, a escuta de vozes é imediatamente associada a experiências sobrenaturais, como possessão demoníaca, mediunidade ou manifestações de espíritos. Não generalizando, mas para alguns evangélicos, por exemplo, é comum que ouvidores de vozes sejam identificados como alvo de influência maligna ou possessão por entidades espirituais consideradas negativas. Essa leitura espiritualista, pode agravar o sofrimento do sujeito, atribuindo-lhe culpa ou impureza, e dificultando sua busca por cuidado psicológico (Silva, 2018).

Relatos Bíblicos frequentemente mencionam a escuta de vozes, como nos casos de Moisés ouvindo Deus na sarça ardente (Êxodo 3:4) ou Paulo em sua conversão no caminho de Damasco (Atos 9:4-6). No entanto, compreender esta verdade cabe à fé e ao relacionamento que cada indivíduo tem com Deus, no âmbito espiritual, onde não há nenhum tipo de prejuízo ou sofrimento para si ou para o meio onde se relaciona. O que exceder a isso não é considerado saudável. A Bíblia também relata casos de sofrimento psíquico, descrito como loucura, como no caso de Saul (Samuel 16:14-23), do rei Nabucodonosor (Daniel 4) e até do profeta Elias, que enfrentou profundo sofrimento emocional (1 Reis 19).

Do ponto de vista psicanalítico, essas vozes podem ser compreendidas como significantes que escapam à simbolização e retornam como real. Porém, quando situadas exclusivamente no campo do mal ou da possessão, perde-se a possibilidade de escuta subjetiva, o que reforça o recalque social e a interdição da palavra. O sujeito não é ouvido — é exorcizado, silenciado, apagado.

Em comunidades religiosas mais fechadas, é comum que o ouvidor de vozes seja afastado do



convívio social, compelido à confissão forçada, à penitência ou a rituais de purificação. Tais práticas, embora bem intencionadas, podem reforçar a cisão do sujeito com sua própria experiência e agravar quadros de sofrimento psíquico, especialmente quando este não encontra lugar para nomear sua dor (Souza, 2020).

A clínica psicanalítica, nesse cenário, representa um espaço onde a voz não precisa ser interpretada como sinal do mal, mas pode ser interrogada em sua lógica, em sua direção, em seu endereçamento. O que a voz quer dizer? A quem se dirige? Que gozo ela carrega? Essas são perguntas que recolocam o sujeito como autor de sua história, ainda que atravessado por um real que o excede.

A escuta analítica da psicose não se fundamenta na simples interpretação das vozes, mas na criação de um espaço simbólico onde o sujeito possa dar um destino ao gozo que retorna sob a forma de voz. O analista não busca nomear ou classificar o que o sujeito ouve, mas sim acompanhá-lo na construção de um saber sobre seu sintoma, permitindo que ele encontre formas próprias de lidar com essa experiência. Essa escuta é, acima de tudo, ética, pois sustenta o lugar do sujeito e seu direito à palavra, sem reduzi-lo a um diagnóstico fechado.

Dentro dessa perspectiva, as vozes não são meros ruídos a serem eliminados, mas manifestações do inconsciente que merecem ser interrogadas. Em vez de perguntar "como calar a voz?", a psicanálise propõe questões como "o que essa voz diz?" e "a quem ela se dirige?", buscando compreender a função dessas vozes na estrutura psíquica do sujeito. É na construção desse endereçamento que reside a possibilidade de uma elaboração subjetiva, permitindo que o sujeito se aproprie de sua experiência e encontre formas de simbolizá-la.

O Movimento Internacional de Ouvidores de Vozes, iniciado na Holanda nos anos 1980, trouxe uma nova perspectiva para a compreensão das alucinações auditivas. Em vez de tratar as vozes como sintomas patológicos a serem erradicadas, esse movimento propõe que elas sejam compreendidas e integradas à vida do sujeito. Grupos de ouvidores de vozes ao redor do mundo oferecem espaços de troca e apoio, onde os participantes podem compartilhar suas experiências e desenvolver estratégias para lidar com as vozes de maneira menos angustiante. Segundo estudos recentes, essas práticas favorecem uma elaboração subjetiva mais ampla (Souza, 2020).

Pesquisas etnográficas indicam que estratégias como o diálogo com as vozes, a busca por informações e a escrita sobre elas são fundamentais para a superação das dificuldades decorrentes dessa vivência (Silva, 2018). Além disso, Torres (2015) aponta que muitos indivíduos que ouvem vozes conseguem estabelecer uma relação menos conflituosa com elas quando encontram um espaço de acolhimento e escuta, seja na psicanálise, nos grupos de apoio ou em abordagens alternativas.

Assim, a escuta analítica da psicose e o movimento dos ouvidores de vozes convergem na ideia de que as vozes não devem ser simplesmente silenciadas, mas sim compreendidas e ressignificadas, permitindo que o sujeito construa um saber sobre sua própria experiência e encontre formas de conviver



com ela. A abordagem psicanalítica da psicose e a perspectiva dos ouvidores de vozes oferecem um novo olhar sobre os fenômenos psicóticos. O reconhecimento das vozes como expressões do inconsciente e a busca por um espaço ético de escuta são fundamentais para a constituição de uma subjetividade mais integrada. Dessa forma, os indivíduos podem se apropriar da própria experiência sem reduzi-la a um mero transtorno a ser erradicado (Silva, 2018).

4 CONCLUSÃO

A experiência de ouvir vozes, quando lida pela via psicanalítica, deixa de ser tratada como mero distúrbio perceptivo para ser reconhecida como forma de inscrição do inconsciente. Ao abordar as vozes como efeitos da linguagem e do gozo, a Psicanálise oferece um modo de escuta que respeita a singularidade do sujeito. Mais do que calar, trata-se de sustentar a palavra.

Essa escuta é fundamental na clínica com sujeitos psicóticos, pois possibilita uma relação outra com as vozes, que podem encontrar um lugar no discurso. O analista, nesse contexto, não é um silenciador de vozes, mas um parceiro na construção de sentido. Além disso, é fundamental reconhecer e desconstruir os preconceitos culturais e religiosos que agravam o sofrimento dos ouvidores de vozes, reafirmando a importância de uma abordagem clínica que acolha, escute e ressignifique essas experiências.

Por outro lado, é importante salientar ainda que a compreensão mais inclusiva de ouvidores de vozes requer o entendimento de que para algumas pessoas isso é importante para sua recuperação subjetiva. É a sua forma de buscar a cura. Nesse sentido, a convivência com as vozes pode ser uma alternativa de escuta e sua negação não se mostra positiva. No sentido supra, como indicado, esse padrão é importante na busca e no enfrentamento de situações de preconceito e de estigmatização dos ouvidores de vozes.



REFERÊNCIAS

- FREUD, S. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico (1911). In: FREUD, S. **Obras Psicológicas de Freud**.. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XII.
- FREUD, S.. Neurose e psicose (1924). In: FREUD, S. **Obras Psicológicas de Freud**.. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XII.
- LACAN, J. **O seminário**, livro 3: As psicoses (1955-1956). Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- LAKATOS, E.M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- NASIO, J-D. **Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- MILLER, Jacques-Alain. **Extimidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- A BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- SILVA, M. A escuta das vozes na clínica da psicose. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 45-67, 2018.
- SOUZA, J. O movimento dos ouvidores de vozes e suas contribuições para a saúde mental. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 2, p. 145-160, 2020.
- TORRES, A. C. Escuta analítica e subjetivação na psicose. **Psicanálise e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 30, n. 1, p. 78-102, 2015.